

O DETERMINISMO PRESENTE NA OBRA *CIDADE DE DEUS*, DE PAULO LINS

Caroline Martins Ramos de Moraes¹

Jéssica Balbinotti Novais²

Mohiny Veiga de Lima³

Luiz Rogério Camargo⁴

RESUMO

A obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, é um marco da literatura brasileira, um retrato naturalista de jovens e crianças inseridos na marginalidade proveniente da favela. Esse contexto aproxima a teoria determinista de Hyppolyte Taine acerca das influências que um indivíduo pode sofrer pela raça, meio e momento, dessa forma a pesquisa objetivou investigar os principais traços do determinismo presentes na obra de Lins. O método utilizado possui fim exploratório, buscando pesquisas bibliográficas e de arquivo jornalístico em materiais já publicados sobre o assunto como procedimento de pesquisa principal. Dessa forma, o exposto em cada capítulo refletiu sobre a trajetória das personagens justificando as suas práticas e ações com base na tríade determinista de Taine, explicitando as influências sofridas e, também, as lutas contra as convenções sociais e morais. Isso posto, verificou-se que a teoria determinista age em conjunto, pois não há um ambiente sem raça, assim como não há um momento sem um meio social, logo, a comunidade *Cidade de Deus* pode ser considerada palco de inúmeras transformações individuais e coletivas.

Palavras-chave: Determinismo. Hippolyte Taine. Tríade Determinista. *Cidade de Deus*.

¹ Aluna do Curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: caroline.mmartins18@gmail.com.br

² Aluna do Curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: jessicabnovais@gmail.com.br

³ Aluna do Curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: mohiny20@gmail.com

⁴ Orientador da pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Estudos Literários pela UFPR. Especialista em Letras: Interfaces entre Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). Formado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Unicentro. Formado em Comunicação Social - Jornalismo pela Unicentro. Professor de Literatura, Língua Portuguesa e Oratória na FAE Centro Universitário. *E-mail*: luiz.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

Romance de estreia de Paulo Lins, *Cidade de Deus* foi lançado em 1997, recebendo muitos aplausos da crítica e marcando o nome do autor na literatura brasileira contemporânea. A obra é resultado de um estudo antropológico da comunidade de mesmo nome, no Rio de Janeiro, lugar em que o autor nasceu e viveu parte da sua juventude. O êxito do livro deu origem à adaptação cinematográfica em 2002, produzida por Fernando Meirelles, tendo o filme alcançado sucesso nacional e internacional, recebido indicações ao Oscar e ao Globo de Ouro, este último na categoria de melhor filme estrangeiro.

Cidade de Deus traz um panorama sobre a vida em uma das regiões mais pobres do Rio de Janeiro. Com estilo peculiar, o autor Paulo Lins constrói um cenário que, ainda hoje, dialoga com a realidade dos moradores das comunidades cariocas e brasileiras em geral. Baseado em fatos reais, o romance narra a transformação e o crescimento desordenado da comunidade, em meio ao tráfico de drogas, à corrupção da polícia, à extrema pobreza e às diversas formas de violência. Assim, favela Cidade de Deus torna-se um cenário de guerra e constante disputa por poder, ascensão social e dinheiro.

Retrato naturalista da realidade de jovens e crianças que vivem inseridos na marginalidade proveniente das favelas, a obra de Paulo Lins faz uma denúncia das misérias e expõe as vísceras de uma sociedade corrompida pela violência e abandonada pelas autoridades. Indivíduos, negros e pobres, que são instigados ao crime e ao uso de drogas, são retratados como um produto influenciado por seu meio social. Nesse sentido, é possível perceber na obra traços deterministas, corrente de pensamento muito em voga no século XIX.

Com base nos estudos do historiador francês Hippolyte Adolf Taine (1828-1893), considera-se determinismo a corrente filosófica segundo a qual todos os acontecimentos são condicionados às leis naturais, oriundas de uma causalidade. Ou seja, os fatos sucedidos ocorrem de uma maneira pré-fixada, de acordo com as leis da natureza, de uma forma permanente: “*de modo que el movimiento total de cada civilización distinta, puede considerarse como resultado de una fuerza permanente, que á cada instante modifica su obra, alterando las circunstancias en que actúa*”⁵ (TAINÉ, 1939, p. 20).

Além de historiador, Hippolyte Taine foi filósofo e crítico literário do século XIX. Autor de diversas obras, escreveu *Histoire de la Littérature Anglaise*⁶ (1864), trabalho no qual aborda a concepção acerca da corrente determinista. Em suas pesquisas, Taine

⁵ “De modo que o movimento total de cada civilização diferente, possa ser considerada como resultado de uma força permanente, que a cada instante modifica o seu trabalho, alterando as circunstâncias em que opera” (Tradução nossa).

⁶ História da Literatura Inglesa.

acreditava que todos os fenômenos estão conectados entre si, por meio de relações necessárias, defendendo a ideologia de que tudo o que acontece possui uma causa, explicada por três fatores, nos quais denominou como forças primordiais: raça, meio e momento: “*tres fuentes diversas contribuyen á producir ese estado moral elemental: la raza, el medio y el momento*”⁷ (TAINÉ, 1939, p. 20).

Assim sendo, o presente trabalho possui como objetivo geral investigar os principais traços do determinismo presentes na obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Para realizar tal tarefa, procurou-se por meio de objetivos específicos compreender como os fatores raça, meio e momento são decisivos para o destino das personagens, avaliando de que maneira os personagens procuram lutar contra as condições que lhes são impostas por fatores externos a sua vontade.

Isso posto, o trabalho se divide em 3 capítulos: raça, meio e momento. Em cada capítulo buscou-se mostrar como esses elementos são apresentados na obra *Cidade de Deus*, de Paulo Lins.

1 RAÇA

É longa a trajetória histórica que aborda teorias raciais. A noção de raça vem sendo abordada desde os séculos XVI-XVII, desencadeando uma ideologia de superioridade, com a qual se explica a ideia de segregação racial. Nesse sentido, destaca-se a realidade dos moradores de *Cidade de Deus*, que, segundo a perspectiva determinista, são frutos e vítimas de sua própria raça, fadados ao destino de mestiços, moradores da favela.

Influenciado pelas correntes raciais do século XIX, Hippolyte Taine conceituou raça como: “*disposiciones innatas y hereditarias que el hombre aporta consigo, y que van unidas, por lo común, à marcadas diferencias de temperamento y de estructura corporal*”⁸ (TAINÉ, 1839, p. 20). Diante disso, identificou-se que o fator raça está presente em *Cidade de Deus* como um fator segregacional e determinante das ações dos personagens.

O princípio de segregação aparece na rotina dos moradores, que se distinguem pela cor da pele e local de onde vieram. A segregação racial entre brancos e negros é mais alarmante, porém o preconceito e o pré-julgamento também parecem em grandes proporções diante dos grupos étnicos que convivem no mesmo local. Como é o caso

⁷ “Três fontes diferentes contribuem para produzir esse estado moral e elemental: a raça, o meio e o momento” (Tradução nossa).

⁸ “O que se chama raça são essas disposições inatas e hereditárias que o homem traz consigo, e que, geralmente estão ligados às diferenças marcantes no temperamento e na estrutura corporal” (Tradução nossa).

do personagem Francisco, ele é a representação dos nordestinos que migraram para os centros urbanos em busca de uma vida melhor. Ele não gostava de crioulos “a única coisa ruim do Rio de Janeiro era a presença de crioulos por toda parte” (LINS, 2002, p. 53). O cearense passou a odiar cada vez mais os negros, porque assim que chegou no Rio de Janeiro, foi assaltado duas vezes por bandidos negros, que lhe tiraram toda e qualquer chance de consolidar seus sonhos.

A presença do determinismo racial torna-se tão forte ao ponto de expor passagens que revelam crimes e situações de injustiça que são justificadas simplesmente pela cor da pele do indivíduo. É o caso da cena do esquartejamento de um bebê, na qual um homem, cujo narrador não descreve o nome, acreditava ter sido traído pela mulher, uma vez que ele era negro e ela tinha dado à luz a uma criança branca: “não aceitava que seu filho fosse branco, já que era negro e a desgraçada da mulher também” (LINS, 2002, p. 69). O negro resolveu se vingar da esposa descontando o seu ódio no bebê, esquartejando-o e entregando-o à mulher em uma caixa de sapatos. Esse episódio é descrito de forma minuciosa e detalhada pelo narrador: “a vingança determinava aquele crime e o crime traria em sua forma, por sua própria natureza, a marca do orgulho ferido de um cabra-macho” (LINS, 2002, p. 68).

Outro exemplo, é a descrição do personagem Grande, ele é considerado um dos bandidos mais perigosos da Cidade de Deus, é um dos negros que expressa seu ódio pela raça branca de forma brutal. Ele considera que todo branco deve morrer, porque literalmente essa é a raça que tira as oportunidades dos negros.

Acerca do preconceito expresso pela polícia em *Cidade de Deus*, é possível notar que a conduta adotada pelas autoridades pode levar a erros graves na sua atuação. O sistema de rastreio policial é prioritariamente em busca de negros, pois tomam esse aspecto como motivo para suspeita, “ainda que não poupem mulheres e pessoas idosas, os abusos recaem principalmente sobre a rapaziada negro-mestiça do bairro periférico que, vista como mais perigosa, é frequentemente abordada, revistada e espancada” (MACHADO; NORONHA, 2002, p. 210). O cenário da segurança pública na obra é uma representação do que a população periférica sofre ao longo dos anos.

Na comunidade, os policiais entravam na comunidade abordando negros e brancos de formas diferentes: enquanto os brancos eram parados para obtenção de informações sobre os bandidos, os negros, imediatamente, eram considerados suspeitos/criminosos. As indagações eram deixadas para quando o acusado estivesse acuado e sob controle. Na concepção dos policiais, além de todos os marginais serem negros, aqueles que corriam na presença de um agente, assumiam a culpa em algo, “Para os que saíam correndo era bala: se correram é porque estavam devendo” (LINS, 2002, p. 56).

Desse modo, o fator racial era determinante para o julgamento dos moradores da favela. Quem era negro rapidamente era considerado suspeito e bandido, por outro

lado, os moradores brancos, recebiam proteção e tratamento diferenciado quando abordados pelos policiais.

Com o crescimento da criminalidade e a inserção pesada do tráfico de drogas, o cenário marginal se modificou. Jovens brancos, de criação familiar estruturada e tradicional, que tiveram acesso a estudo e casa digna, buscaram na favela a satisfação ao vício adquirido nas drogas. Aproveitando o comércio de drogas na favela, Marisol, Daniel e Rodriguinho – os “cocotas” – envolveram-se com os traficantes da região, onde compravam e consumiam as drogas junto com os vendedores. O fato da cor branca “abrir portas” levou os amigos a assaltarem lugares intocáveis anteriormente. Não havia motivos para a polícia ou os seguranças suspeitarem de indivíduos bem vestidos e de boa aparência, por se tratarem de pré-requisitos para a imagem instituída de pessoa honesta. Assim sendo, quando brancos mudam o paradigma de que apenas negros são delinquentes, a sociedade perde o seu referencial do estereótipo de criminoso na sociedade.

Dessa forma, entende-se que a raça é o elemento determinante para o sucesso do projeto de vida dos jovens, uma vez que eles conseguiram assaltar diversos locais e não eram procurados pela polícia, portanto, não precisavam viver em constante alerta e preocupação, podendo, portanto, praticar seus crimes com tranquilidade. Refletindo acerca dessa condição, os bandidos negros da obra que desejavam libertar-se da criminalidade por meio do enriquecimento ilícito não detinham as mesmas perspectivas de êxito, pois a sucessiva exposição de risco à vida por causa da cor de suas peles empurrava o sonho de liberdade para longe.

2 MEIO

Partindo da concepção determinista de que o indivíduo é condicionado à acontecimentos naturais que moldam o seu comportamento social, o meio em que esse sujeito está inserido acarretará interferências sociais para com a sua vivência, isso porque, *“las circunstancias físicas ó sociales alteran ó completan lá condición original”*⁹ (TAINÉ, 1939, p. 23). Tal analogia pode ser melhor compreendida com a concepção de Consciência Coletiva, defendida por Émile Durkheim como um “sistema das representações coletivas em determinada sociedade” (DURKHEIM, 1983, p. 8). O filósofo acreditava que os indivíduos de uma dada sociedade agem e pensam de uma forma minimamente semelhante, a partir de práticas e normas sociais. Diante disso, é possível considerar o conjunto habitacional Cidade de Deus como um ícone influenciador

⁹ “As circunstâncias físicas ou sociais alteram ou completam a condição original” (Tradução nossa).

na vida e no comportamento de vários moradores. Um espaço físico que ganha vida, de tal forma que se expande de um conjunto de casas humildes para uma grande favela do Rio de Janeiro, marcado por uma intensa criminalidade e violência.

É com essa perspectiva que será explorado o segundo elemento da tríade determinista perante a realidade de *Cidade de Deus*, considerando o conjunto habitacional como um ícone influenciador na vida e no comportamento de vários moradores. Um espaço físico que ganha vida, de tal forma que se expande de um singelo conjunto de casas humildes para uma grande favela na cidade do Rio de Janeiro. A obra retrata muitos habitantes com poucas alternativas e um grande abismo social, sendo o tráfico e o roubo as formas mais comuns de se ganhar dinheiro na comunidade.

Tais atividades se estabelecem como uma “atividade cultural”, realizada por muitos personagens que são expostos a uma vida precária e com poucas oportunidades. Exemplo disso tem-se a descrição da revolta das Mulheres do Pisa, quadrilha de ladras que se reuniam no beco para planejar suas ações e vender o roubo. Elas se sentem injustiçadas ao olhar para as mulheres ricas da alta sociedade e, assim como os bandidos, apelam para o furto e para o tráfico.

Segundo os estudos do articulista, José Roberto Marques (2018), “Toda interferência na formação da personalidade de uma pessoa pode ter efeito positivo ou negativo” (MARQUES, 2018, p. 1). Nesse sentido, pode-se afirmar que as personagens, conscientes da exploração que sofriam, buscam solucionar seus problemas econômicos por meio de roubos e tráfico de drogas, não se sujeitando às imposições da elite, que em sua maioria, fornecia pequenos salários em troca de uma longa jornada de trabalho. Essa alternativa buscada pelas personagens, pode ser relacionada ao meio em que elas pertencem. Isso porque, o meio representa um fator essencial para determinar o caminho que os indivíduos da favela irão percorrer ao longo do romance. Para a realidade das Mulheres do Pisa, o elemento *meio* propicia diferentes formas para que as personagens busquem alternativas para enfrentar a injustiça sofrida por serem mulheres negras, pobres e excluídas da sociedade, sendo a mais comum delas a criminalidade.

O ambiente em que se passa a maior parte das histórias é caracterizado como um espaço hostil, cercado pela criminalidade e pela pobreza. Diante do meio em que estão inseridos, os indivíduos passam a estabelecer regras para determinar o convívio na favela, outra prática que corresponde às afirmações de Durkheim, e à ideologia de Consciência Coletiva. Assim sendo, algumas atividades como roubos e estupros passam a ser banidas de dentro do local, promovendo melhorias para os habitantes. “— Não pode roubar ônibus da favela! A gente já tinha falado! Vai passar no corredor polonês! Os quadrilheiros formaram uma fila dupla, obrigaram os ladrões a passarem três vezes entre eles, dando-lhes coronhas sem nenhuma piedade” (LINS, 2002, p. 244).

O trabalhador José é um exemplo de personagem que se mostra corrompido pelo meio. A trajetória de Zé Bonito na história demonstra como um fator externo à sua vida, fruto do meio em que vive, destruiu tudo aquilo que ele evitou ser. Entretanto, ao ser desonrado e humilhado na frente daqueles que o amavam, não encontrou forças para seguir por outro caminho, “logo com ele, que era incapaz da mínima crueldade, que nunca fora de briga e nunca fizera mal a ninguém?” (LINS, 2002, p. 309). O jovem cedeu às provocações e alimentou o ódio e a vingança contra seu inimigo, abriu mão do seu bom caráter para ser influenciado por aquele ambiente violento e hostil.

Suas convicções iniciais eram apoiadas no argumento de que iria apenas matar Zé Miúdo, e, então, deixaria a favela: “Eu não quero saber de boca-de-fumo, não. Não sou bandido, não. Minha questão é com ele...” e “Não sou bandido não! Não vou roubar nada não!” (LINS, 2002, p. 317). Contudo, ao longo da sua permanência na criminalidade, suas ideias e propósitos mudaram: “Além do mais, matar bandido não era pecado, muito pelo contrário, estava fazendo um favor à população ao mandar aqueles estrupícios para junto do Diabo” (LINS, 2002, p. 327); “Bonito aceitou porque sabia que em assaltos o risco de matar inocentes era muito grande. Diante das opções que agora tinha diante de si, vender drogas era o mais seguro. Além disso, só comprava drogas quem queria” (LINS, 2002, p. 328).

A mudança em seu discurso é perceptível, o aprofundamento na vida do crime alterou seus valores e o empurrou para um ambiente de violência e morte. Bonito perdeu sua família e sua vida, realidade de muitos personagens do livro, que de alguma forma encontraram na marginalidade sua única chance/saída para viver.

Continuando nessa abordagem, o livro apresenta um personagem que pode ser reconhecido como aquele que não correspondeu às influências do meio. Visto que, em toda sua juventude ele procurou outro caminho para lutar contra os fatores que o levariam para a vida no crime, mesmo que as turbulências enfrentadas o tenham feito repensar suas escolhas e questionar a si mesmo, ele se manteve coerente com os seus propósitos.

Nascido e criado na Cidade de Deus, o jovem Busca-pé desde criança possuía uma visão diferente sobre as circunstâncias que o cercavam. Sonhava em se tornar fotógrafo, sair da favela e mudar de vida, sabia que para isso não poderia se envolver com o crime e deveria manter-se longe de problemas. Contudo, uma injustiça sofrida no novo emprego fez com que Busca-pé perdesse a fé em si mesmo e aceitasse a bandidagem presente em seu meio como a única opção designada para “gente como ele”. Essa atitude surgiu em Busca-pé, pois, enquanto trabalhava em um supermercado, alguns bandidos dos Apês de Cidade de Deus tentaram realizar um assalto ao estabelecimento, porém foram presos pelos seguranças. Entretanto, momentos antes do assalto, os ladrões cumprimentaram Busca-pé dentro da loja, gesto utilizado pela gerência para tentar extrair do jovem alguma delação dos delinquentes, porém, Busca-pé sabia o que acontecia com quem era alcaguete, e explicou ao chefe as implicações que existiam em uma situação dessas.

O episódio encerrou-se com o rapaz desempregado e revoltado com a sua situação de vida, pois, não bastando os olhares de preconceito que recebia dos clientes, acabou pagando por algo do qual resistia em não fazer parte, além de não ter juntado dinheiro suficiente para comprar sequer uma câmera usada.

A história de Busca-pé continua em sua fase adulta com a conquista de uma posição política dentro da favela, impulsionando-o a sair da comunidade. Depois de militar vários anos no Conselho de Moradores, mudou-se e casou, conseguindo estabelecer-se como fotógrafo no Rio de Janeiro. Um menino pobre, vitimado pela desigualdade social e pela má distribuição de renda, mas que não sucumbiu ao crime determinante para muitos moradores de Cidade de Deus.

3 MOMENTO

Correspondendo ao terceiro elemento da tríade determinista, destaca-se o fator momento, relacionado à ideia de tempo histórico, que irá contextualizar as ações socioculturais exercidas pelo homem no âmbito em que vive. Tal analogia pode ser reforçada com os estudos de Reinhart Koselleck (2013), que trabalha a ideia de tempo histórico evolutivo, longe de ser único e singular, considerando as experiências humanas. Assim como Koselleck, Milton Santos (2002) trabalha o tempo histórico como um tempo social fluído, sem uniformidade, moldado pela vivência dos homens, se apresentando como uma sucessão de acontecimentos e práticas sociais, defendendo a ideia de que sem o agente tempo o homem não possui história e não constrói a sua trajetória

Considerando a concepção de “tempo e espaço”, em *Cidade de Deus*, nota-se um momento histórico marcado por um contexto social com desigualdades sociais e o tempo condizente com a década de sessenta, no Rio de Janeiro, com uma sucessão de acontecimentos, contribuindo para o surgimento de Cidade de Deus.

Conforme relatos de Sedrez e Maia (2014), em seu trabalho *Enchentes que destroem, enchentes que constroem: natureza e memória da Cidade de Deus nas chuvas de 1966 e 1967*, o ano 1966 ficou marcado como o ano da “grande enchente” que assolou a cidade do Rio de Janeiro. Esse período foi marcado pelas intempéries naturais que expulsaram milhares de famílias humildes de suas casas, redesenhando “o crescimento da metrópole seja pela migração interna, seja pela insistência destas em permanecer em suas comunidades em lugares vulneráveis, chamados de áreas de risco” (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 184).

Além dos impactos ambientais, as enchentes acarretaram em milhares de flagelados, a única saída era as políticas emergenciais, com abrigos improvisados, como o caso dos estádios Maracanã e Maracanãzinho que abrigaram milhares de desalojados. Os abrigos improvisados foram moradias por um longo período para milhares de flagelados, até a criação de Cidade de Deus.

O ano de 1966, no Rio de Janeiro, foi marcado por meses difíceis, no qual pequenas chuvas já alarmavam toda a cidade, “Durante todo o ano de 1966, com as galerias pluviais entupidas de lama e entulho [...] pequenas chuvas, de menos de três horas, bastavam para causar enchentes” (CORREIO DO AMANHÃ, 1967). Além de sinal de alerta para toda a população, as chuvas vinham interferindo nas agendas governamentais. Com isso, mesmo inacabada, Cidade de Deus começara a receber seus primeiros moradores:

Após estudos emergenciais mínimos, o governo construiu banheiros coletivos e vagões de ocupação transitória, denominados Triagens, que, em março de 1966, em condições precaríssimas, permitiram iniciar a transferência das famílias flageladas para aquelas casas (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 189).

Para o termo “aquelas casas”, entende-se as moradias que compunham o conjunto habitacional Cidade de Deus. Foi, portanto, com a iniciativa precitada do governo de 1966 que o pessoal desabrigado foi transferido para o conjunto, que começou como um singelo projeto de casas humildes, até se transformar em uma das maiores e mais violentas favelas cariocas. Diante do exposto acima, por meio de notícias de jornais da época, entende-se a criação de Cidade de Deus como “uma nova comunidade, somatório das comunidades de diferentes regiões do Rio [...], tendo em comum basicamente o fato de terem sido vítimas das enchentes que assolaram a cidade nos anos de 1966 e 1967” (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 191).

Após ganhar forma e novos moradores, a favela carioca aos poucos vai se expandindo e recebendo novos flagelados. Trabalhadores, crianças e mulheres, todos migram para o conjunto em busca de uma vida melhor e paz, porém, o curso da favela muda com a chegada de bandidos e traficantes, culminando na primeira problemática social: o uso e tráfico da maconha.

A erva subiu aos morros nos anos quarenta e cinquenta sendo consumida e vendida por muitos moradores de diversas idades. Em *Cidade de Deus*, o consumo de maconha aparece com mais frequência nos dois primeiros capítulos da obra, por se tratar do período em que os criminosos praticavam assaltos e consumiam maconha como forma de lazer, uma vez que a imersão no tráfico iniciou mais tarde com a baixa do preço da cocaína e o aumento da procura pelo pó.

Inicialmente, havia alguns pontos de venda na comunidade, porém o comércio era tranquilo, não ocorria rivalidade ou disputas. Dessa forma, a droga era encontrada em contexto de festas, de descontração com os amigos ou para atingir um estado de felicidade solitária: “Acerola havia saído cedo de casa; tomou café com seu irmão mais novo, arrumou-se como quem ia para a escola, mas estava ali, batendo gazeta, a fim de fumar um baseado para rir conforme a manhã” (LINS, 2002, p. 39). Em determinados momentos, era símbolo de parceria e amizade: “Apertaram as mãos várias vezes, brindaram em

rodadas de cerveja e rabo de galo, fumaram no mesmo baseado, cheiraram em um só canudo, comemorando a possibilidade de arrumar muito dinheiro” (LINS, 2002, p. 63).

A partir dos anos setenta, como ressaltam Malcher-Lopes e Ribeiro (2007), a maconha passou a ser uma das marcas da contracultura e do movimento hippie, sendo popular entre estudantes, intelectuais, pacifistas e artistas, por exemplo. A droga recebeu um novo status na sociedade carioca, chamando a atenção de muitos jovens que possuíam interesse em comprar a substância por um preço baixo.

A música era um fator muito importante para o padrão “cocota”, sendo obrigatório ouvir e gostar do rock da época. Os jovens recebiam todo tipo de influência dessa geração, inclusive o hábito de fumar maconha e viver uma vida alternativa.

Ao final dos anos setenta, a maconha deu lugar ao consumo veloz de cocaína, os bandidos de Cidade de Deus trocaram os assaltos pela venda da droga na comunidade. A chegada da cocaína no início da década de 80, impulsionou os bandidos a desenvolverem o crime organizado. Segundo o narrador da obra, “O movimento das bocas de fumo não parava de crescer, o consumo de cocaína aumentava a cada dia” (LINS, 2002, p. 270). Isso atraía cada vez mais bandidos que se juntavam às pequenas quadrilhas para ganhar dinheiro. O lucro era intenso, assim como número de viciados que procuravam a droga: “Os viciados da favela ou de fora, na ânsia da droga, apareciam na boca com cordões, alianças, pulseiras, televisores, relógios, revólveres, liquidificadores e tantos outros eletrodomésticos para trocar por cocaína” (LINS, 2002, p. 270).

O surgimento das primeiras bocas de fumo trouxe esperança para os moradores de Cidade de Deus, que viam no comércio de drogas uma forma rápida e fácil de ganhar dinheiro. Os bandidos que antes obtinham lucro por meio de roubos a bancos, ônibus e até mesmo dentro da favela, passaram a aderir ao tráfico como uma forma rápida de ganhar dinheiro.

A consolidação do tráfico de drogas em *Cidade de Deus* definiu outro momento na obra de Paulo Lins, a guerra entre Zé Miúdo e Zé Bonito. O conflito existente entre os rivais iniciou com uma desavença pessoal, mas que com o passar do tempo e influências do meio, acabou se transformando em uma guerra de traficantes pelo domínio do território e do comércio.

Isso posto, a rivalidade compartilhada por esses homens atingiu moradores inocentes e bandidos que foram obrigados a escolher um lado, alguns encontraram nessa rebelião motivos para se vingar de alguém que pertencia ao grupo inimigo. Esse período de guerra foi marcado por mortes, crueldade e violência gratuita.

Dentro dos domínios de Zé Bonito e Zé Miúdo encontravam-se famílias inocentes, homens e mulheres trabalhadores, crianças que brincavam na rua e frequentavam a escola. Porém, eram pessoas que viviam em uma zona de guerra, a mercê dos interesses dos bandidos e dos tiroteios.

Após o fim da guerra entre Zé Miúdo e Zé Bonito a narrativa de Lins revela alguns episódios de tiroteios e violência protagonizados por pequenas gangues, como por exemplo a gangue da Caixa Baixa, que, movidos pelo sonho de assumirem o poder na favela, passam a comprar brigas e se aproveitar do ambiente hostil e de intenso conflito para garantir ascensão social no mundo do crime.

Portanto, com base nos fatores pré-existentes no meio social torna-se possível a percepção de que o tráfico, de certa forma, atrai crianças que se recusam a aceitar a pobreza e sofrimento presente em suas vidas, sendo muitas vezes a única garantia de autodefinição, ascensão social e de ganho material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto trabalhado em *Cidade de Deus*, e com a convicção de que a linguagem literária pode trazer reflexões sobre a necessidade de transformação dos indivíduos de uma sociedade, buscou-se apontar uma perspectiva social presente na obra. A partir dos estudos que permeiam a corrente filosófica determinista, analisou-se a realidade de indivíduos marcados por uma grande leva de injustiças e desigualdades sociais, levando os leitores a observarem o contexto e não somente a estereotipagem desses cidadãos, isto é, procurou-se expor a realidade, as condições de vida, os acontecimentos e o ambiente sociocultural, no qual essas pessoas estão inseridas.

Aspectos presente na obra, tais como abrigo para várias etnias; um contexto desfavorável para trabalhadores; berço para inúmeros indivíduos excluídos, que optaram pela vida fácil e perigosa do crime e uma época marcada por enchentes e milhares de pessoas desabrigadas relacionam-se com a concepção de raça, meio e momento, defendida pela ideologia de Taine.

O filósofo trabalha com a concepção de que os elementos da tríade estão interligados acarretando em uma soma de efeitos perante os indivíduos. Diante da condição de paralelismo entre os elementos deterministas, ressalta-se que as influências de um dado momento serão marcadas pelas forças exercidas no meio social, visto que um mesmo momento pode ter influências diferentes, dependendo do contexto.

Diante do exposto, conclui-se que a partir da análise realizada no romance de Paulo Lins, pautando-se em um olhar reflexivo fundamentado na corrente determinista de Hippolyte Taine, é possível aplicar os estudos do filósofo em *Cidade de Deus* e traçar pontos que moldam a estrutura da comunidade e influenciam na trajetória de muitos personagens, evidenciado a interferência dos fatores raça, meio e momento.

REFERÊNCIAS

- ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Polícia Militar disciplina abrigo no Maracanã. **Correio do Amanhã**, Rio de Janeiro, v. 1996, ed. B22329, jan. 1966. 1º Caderno.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores.)
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MACHADO, E. P.; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 188-221, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a09n7.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- MALCHER-LOPES, R.; RIBEIRO, S. **Maconha, cérebro e saúde**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2007.
- MARQUES, José Roberto. Que influência o meio representa na nossa trajetória. **Portal IBC**, São Paulo, jul. 2018. Disponível em <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/qualidade-de-vida/o-que-a-influencia-do-meio-representa-na-nossa-trajetoria-de-vida>>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 21-22, out./dez. 2002.
- SEDREZ, Lise; MAIA, Andrea C. Nova. Enchentes que destroem, enchentes que constroem: natureza e memória da Cidade de Deus nas chuvas de 1966 e 1967. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 8, p. 183-199, abr. 2014. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e08_a10.pdf> Acesso em: 11 jan. 2019.
- TAINE, Hipólito. **Historia de la literatura inglesa**. 2. ed. Madrid: La España Moderna, 1939.